A. Dasilva O.

CORAÇÃO SUJO

BLACK SON EDITORES

Coração Sujo

Escrevi-lhe um poema de amor e ela cuspiu-me no coração

BEM-VINDO AO MUNDO DA SIDA

Escrevi-lhe com o seu bâton azul
no espelho quebrado
do seu corpo suspenso
num sono pouco profundo

Amámo-nos à primeira vista
baleados pela solidão
dos ponteiros sem nervo
do relógio da discoteca

Cada qual no seu quarto escuro
à espera que as paredes
e tecto lhe caiam em cima

Ambos vestidos de sexo oposto
trocámos de vida
de experiências de sonhos
e só parámos no leito de morte
entre uivos de tristeza

Partilhámos com ela o pacto de sangue
e todos os seus monstruosos
segredos do amor máximo

SOLIDÃO 666

Tenho a boca cheia de esperma
acabei de fazer um broche à Esfinge
à luz de uma vela
com as mãos envoltas no teu pescoço
como quem desventra
uma bola de cristal

Tenho a boca cheia de sangue
desse auto-de-fé
onde a carne já não tem a última palavra

Olho a bola de neve
num acto de neve
que nos manda expiar o seu duplo
como a nós mesmos
de atitudes e gestos malignos
de quem se julga humanizado
pelos consolos oníricos
que desenho na neve
com um fio de sangue

Tenho a boca cheia de merda
O cansaço ergue-se para mais um delírio
O cheiro dos corpos-sacra
até à sublimação da obra de Safo
que me lambe o cálice
cheio de sangue e esperma
em prolongado flagelo

Durmo com a boca na minha cauda

CORREDOR DA MORTE

Aconselho-o a ter cuidado comigo
sou um psicopata conhecido no mundo
do crime por Coração Sujo
mato por acaso
desde que fui culpado
por um crime que não cometi

Isto é uma história verdadeira
e eu sou o seu narrador
falso
No corredor da morte
vivo a vida depois da morte
com um vazio qualquer
no olhar

Preso em Custóias
leio Antero de Quental, Bocage, Ângelo
de Lima, entre outros, a essa diva
psicótica que em silêncio
me seduz no cruzamento
de duas rectas

como um disco arranhado

ODE AO VINIL

Uma agulha suja
por muitos acordes
suicídas enche-me
de catástrofes
entre o sentido
e a dissimulação
do seu destino

Lá fora dançam impessoais
as personagens-fantasma
da poética mutilação
do eterno retorno
que lá dentro dança
fora de si

Espero-me em silêncio
tal anjo perdido
poeticamente distorcido
pela palavra

Espero-te ao espelho quebrado
sem nada para te dar
entre gemidos agudos e graves
na camisa de sete forças
da palavra

UM ANJO PERDIDO

Arrasto a pesada máquina de mim
de sonho em sonho
essa desesperada fonte
de corpos em busca do Pó
e nunca Nada os satisfaz

É-me indiferente ser
Irracional
domino instintos
calculismos e toda
a sujidade poética
estético-corporativa
de mim

A pesada máquina
arrasto a tua dor
ilumina-me as tuas feridas
dão-me alma

O poema
é o sonho
da linguagem

No seu círculo
sem centro arrasto-me
entre o Pó e o Nada
e a linguagem
é o seu pesadelo

MADAME CURA

Num banho de sangue
ouço vozes e chamamentos
a tua alma não me larga
enquanto os corpos
em exorcismo tentam
banir-me do teu interior

Chicotadas e choques eléctricos
de suportar em nome de ninguém
o gesto epistemológico
do irracional

Está de pernas abertas
com um sorriso nos lábios
num apelo de todos os sentidos
enquanto o espiritual
adivinho sufocado pelo centro
do mundo bebe
o ícone pús
da razão

Num banho de sangue o teu corpo
a minha bola de cristal
nas águas furtadas do desejo
os cadáveres pensativos e visionários
julgam misógina a vida

NEGRO DESPREZO

Bato-me com uma flor artificial

O mesmo sentido
que leva
à auto-destruição

É o mesmo
que nos conduz
à felicidade

JOGO SUJO

Estou a jogo. No escuro
Sempre no escuro
com a alma cheia de flores campestres

Toda a minha vida
em cima da mesa
onde manual
e em transe a dirijo
tal adivinho

No escuro

A naúsea psicótica

De candelabro nas mãos
como em oração
os meus próprios excrementos

ALMA DENTATA

De sopro o vídeo fixa-me
como uma imagem assassina
e cínico atira-me violentamente
a máquina ao rosto

O sangue solta-se-me do nariz
em vinte e quatro imagens por segundo
enquanto o vídeo não pára de me bater
no rosto com a câmara

O obscuro mais uma vez obscuro
e a sua dele transformação
humanizante objectiva

Nenhuma estética
suporta as vinte e quatro imagens por segundo
que cada alma possuir deve

Até à vulgar auto-destruição
de fotografar
um coração a partir-se

MUSA XL

Fala-me de sexo sem parar
como se fosses o próprio sexo
nos mil e um lugares comuns
como uma história de fadas

O corpo danado
cuspindo tormenta

Fala-me em silêncio
tudo sobre esse congelado nocturno
movimento de desejos
tal quebra gelo
sobre o olhar

UMA FLOR MAL CHEIROSA

Ela fará de mim o que quiser
abandonado à sorte
de não te poder encontrar nas cerebrais flores
de mentira me envolvo
arrancando-te de um jardim público

Raíz e tudo
como uma borboleta danço à volta da morte
com as minhas entranhas
São todas de plástico
Prendas desse místico casamento

Isqueiros, pistolas e navalhas
Algumas seringas e uma ou outra camisa
de vénus usada

Que mal fiz a mim mesmo
no mar obscuro
das tuas carnes em revolta
e um tiro no escuro
projecta-se no teu olhar

até cair
nos braços
rudes
da lucidez

UMA CERVEJA ATRÁS DE OUTRA

A garrafa ainda não chegou ao fim
e outra foi pedida
São garrafas com tara perdida de qualquer intenção
que não fosse o quadro invisível
da classificação isotrópica
das imagens dos campos de concentração
que os símbolos prendem
para comemorar a vinda
do intruso abandonar ideias
como quem abandona
animais de estimação

O álcool tem a dor do sangue contaminado
neste infernal acaso
no preciso momento em que cada qual
pensa no outro entre náuseas e vómitos
e febres e diarreias

A história repete-se
cansada de o ser
com alguma solenidade
e em gestos de pesar
enquanto o outro desfaz o rosto
do objecto de si
com a garrafa que não tinha chegado

São assim os corpos abandonados
de qualquer intrusão

O coração é uma metáfora
cheia de medo

IMAGENS EM AGONIA

A cabeça debaixo da torneira
da lesão cerebral
o mais denso golpe
e sacudimos os espinhos
como cães
de quem ouve a voz da razão
a ser violada
a cada esquina

Os homens do lixo
divertem-se com o nosso sujo
entranhado no seu cio
de ruas e vielas e viadutos
nos anéis acéfalos do espírito

Em cefaleia
estamos mergulhados
nessa crise profunda
como traficantes de imagens
que cegamos
despejando os homens do lixo
na sua máquina
trituradora

O BELO OBLÍQUO

Há um olhar moído
em cada bebida branca
que resiste num pensamento
perdido numa chuva de Verão

A vida é um Sol
de silêncio
quando se despe o Inverno
do seu propulsor
que é todas as madrugadas primaveris
ensacar os restos
imortais do onírico
olhar da chuva ácida
nas nuvens sitiadas
do consciente mito individual
do prosaico grito do povo

A arte é abrir à clausura
os pulsos ao real social
com uma lámina
de barbear como uma tela
bloqueada pela solidão

Está uma noite fria de Outono
a rua olha a lua nova
e mais uma vez me fixo
nos sacos de lixo
que as educadas donas-de-casa
gentilmente colocam à porta

Adoro sacos de lixo
é claro que lá dentro
repousam os restos mortais
do fétiche círculo do tempo

SOBRE A ROSA DE ROBERT MAPPLETHORPE

O que é uma fotografia
perguntas-me
com a boca cheia de esperma
e sangue

MOVIMENTOS NEGROS

O dedo na ferida
absorve
via afogamento
com uísque 12 anos
e montes de pedras
de gelo
e uma mágoa profunda
na tentativa desesperada
de lhe dar vida
quando tenta comunicar
com a morte

Pensativa peste
no mar negro
carrega o corpo
até se contaminar
com as molduras humanas
do mutante
génio da paixão

Via afogamento
todos os gestos
da razão
em desespero de causa
a morte tenta comunicar

NINGUÉM TOCA NA MINHA SERPENTE

À noite gosto de mim
Beijo-me na boca
nos olhos
entre os seios
Acaricio-me com as mãos
de Vénus do Milo
Beijo-me
o sexo de Alice
e o ânus de Orfeu
Ferro-me
por dentro e por fora
em ais carregados
de bâton azul

À noite odeio-me
assim nos meus braços
cego e imundo
Eis-me entre névoas
e brumas em fogo
fátuo descarnando-me
em orgias de silicone
e fibras ópticas

Sinto-me como se tivesse
engolido uma faca
e que mergulhada
no meu coração
não pára de gesticular

O DEUS X

Sou aquele que ninguém
espera já te disse
mais que uma vez
em sonhos diurnos
que não tenho horas
para chegar
nem para partir
é escusado estar
sempre com o mesmo sermão
abandonado eu só tenho
olhos para ti mas tens
que te convencer
de que não sou
essa mulher da limpeza
do edifício do amor
travestido de stripper
noctívaga que arde
em cada livro negro

O GRAU ZERO DO ÓDIO

Não me ouves mas não te deixo
de dizer que gosto de te abraçar
depois de te abraçar

Não sabes como é bom
ter-te nos braços

Fria é a tua carne
que gelo nos teus braços
depois
de te abraçar mesmo que não me ouças
de com a morte me abraçares

UM TIRO NA BOCA

Gosto de fechar os olhos e ficar assim
a fazer juízos de valor

Juro que nem a morte nos separará
da sua imagem e semelhança
de joelhos eu juro
o místico sinal de partida

Preso ao instinto
nem em mim eu confio
de joelhos não dances mais pedes-me
estou a ficar tonta
e tenho medo de mim
eu juro

Que nada me dói mais
que dor não te ter

e assim te fecho os olhos
depois do sinal de partida

BLACK VELVET

De bar em bar
com uma canção
de baixo
calibre
ondulo
como um falso
marinheiro
e entre
um bar e outro
o mesmo
cheiro a urinol
e jactâncias
angélicas
e a cada canto
do olhar
as putas
jogam às
cordas
com o pénis
do ser
e do não ser

UMA LENDA VIVA

Não se passa nada
a cidade é um fantasma
onde Electra e Édipo
se preparam eternamente
na noite dos tempos
entre os seus escombros
vasculham pensamentos
e actos de contrição
e juras de amor eterno

Restos mortais em valas comuns
nada se perde
tudo se dissimula em bom senso
e linguagem sem orgasmo
da natureza

O pensamento único

Plantar um livro
escrever uma árvore
matar um filho

A NOITE NÃO FALA

Não sei se vou para Alexandria
para a Floresta Negra ou para o Hospício
Discotecas loucas onde bailam
maus pensamentos com poemas em prosa
narrados a traço largo
pelos amantes doentios do acaso

Calvário do sensível
o animal dentro de mim
vocifera a depressão
da sua esterilidade estética

Slogan hóstil de respirar sôfrego
no habeas corpus do excesso
para dizer a verdade
e só a verdade
sem pés nem cabeça
à luz elipse
quando todos estão escondidos
nas suas sombras

SÓ A TIRO

O homem dormitório
cai do seu leito
aos tiros impessoalmente
sobre os objectos
de si onde pulsa
o coração da Europa

Em decomposição
ao som das sirenes
urbanas o sexo e a morte
do mito socrático
e o romântico

Reflectida no seu rosto
a máscara de uma causa perdida
a Escrita como uma lua

O real é um jogo de ilusões
donde se sai morto
a brincar com as palavras

O DUPLO E O SEU DUPLO

Tenho uma faca na mão
de cozinha
em cada mão
as luvas pretas
É um prazer visitar-te
a horas mortas
no vazio

Tenho uma faca em cada mão
em acto fúnebre
as pessoas amam-se
sem se poderem ver
A morte é o actor
de todos os signos
Renegado prazer lírico
numa vaga de deleites
Falo de noite
Conto histórias
durante o sono profundo
com uma faca na boca

Falo e nada digo
com uma faca na mão
encharcado de nervos
é um prazer redobrado
acariciar-te com uma faca
de cozinha e obrigar-te
ao renegado regresso
do morto-vivo
ao útero materno

CAVALOS INCONGRUENTES

Sei que estás a ser possuída
pelo homem dos meus sonhos
que a soldo envio ao teu leito
no meu cavalo branco

Sei que o sabes
e em fingidos sentidos de perda
deixo-me possuir no fio da navalha
dessa impessoalidade luta
Ao telefone
a fusão fria de cavalos mal amados
desse simplório limite do outro
nos centros de estética
da paz podre
da imaginação

Sei o que lá no fundo
do teu instintivo sistema estético
tu a nada tens acesso
Nem ao que sabes nem o posso imaginar
ligado à máquina existencial
de se transformar os nossos dias
nessa correspondência demencial
de auto-erotismo
onde deve ser enterrado vivo
esse ser
que o não-ser possui
tendo-me como seu cavalo branco

Sei que transporto no dorso
o teu cadáver

BALADA ESCURA

Canto um pensamento vazio
com a corda na garganta
vumvum
tata
de tatajiba
vumvum
tatajuba gluglu gluglu

Canto o desinfectante sanitário
que despejo pela tua garganta
aberta com absinto
gluglu canto gluglu
vumvum vumvum

Canto as tuas coxas
as tuas mamas as tuas nádegas
canto os teu olhos a tua boca
o teu nariz o teu cabelo
canto vumvum
gluglu todo o teu corpo todos
os teus órgãos gluglu
vumvum canto as tuas fezes
gluglu
gluglu

Canto o mutante que há em ti
tal rouxinol gluglu tal cisne
tataíba de tatajibade gluglu

Canto de ventre aberto
pelo punhal dos sacramentos
tatajuba vumvum vumvum
canto a tua ausência
gluglu

Canto em silêncio quebrado

MARIA MADALENA

Agarrei-me aos clássicos
como às carnes
dessa velha diva

Na posição de missionário
sou carne da sua carne
num jogo de ícones
e espelhos partidos

É que estou morto
de saudade das tuas lágrimas
dos teus cabelos em fogo
azul e cada dia
que passa Arúspice
metáfora exponho

Abracei-me à mulher errada

DANÇA COMIGO

E se entre os teus lábios
me escondes entre os meus
me denuncias no bailado
do teu sofrimento

O rasto da tua partida
fuga até ao plano mental
da minha estudada
monstruosidade

Olho o caracol ferido
do teu corpo arrastar-se
pelos lençóis brancos
da estética
onde ao fundo suspira
melodiosa uma fonte
de paradoxos

Até que a morte
a tua carne me esconda
na dor

ORAÇÃO ESCATOLÓGICA

Quando disseres que me amas
ajoelha-te e começa a rastejar
como sempre a batida
dos nossos dias de lua cheia

Para nada servem as tuas lágrimas
A tua dor constrói-me o infinito
de viver nas histórias de infância
que dobro no meu olhar
branco
de não suportar mais que a dor
por outras palavras
as mesmas orações pop

Vai e vem
Faz-te à vida
como todos nas entranhas
das minhas palavras
que nenhum ser vive
o seu infinito

Cospe-me o teu mal
Masturba-me de joelhos
e cospe-me as minhas lágrimas
que nenhum ser
vive
a tua finitude

A LUA É PEQUENA DEMAIS PARA NÓS DOIS

Seis balas lembro-me perfeitamente
de as ter despejado sobre os meus manuscritos
assim à queima roupa de um falso sentir
desfaço-me em pato bravo e franco atirador
e das suas promessas de um mundo melhor
desfaço-me livre pensador em mil
pensamentos aprisionado nas sagradas
escrituras ter plagiado e vendido
e subitamente no silêncio ardo as tuas cartas
de amor e todos os objectos da tua presença

Danço à volta da Escrita
ao som de mais seis balas
tal borboleta à volta de uma lâmpada
fundida e subitamente o silêncio
é de ouro letal e laico
e vulgarmente de cortar à faca

pousa sobre mim o teu olhar doentio

Nem o teu respirar quero ouvir
murmuro cheio de compaixão de os meus escritos
desfazê-los em cinzas apócrifas
profecias

Danado pela Escrita danço dependurado num ramo
da sua árvore genealógica

Como é belo o luar
junto ao mar vermelho
das tuas lágrimas

PERDÃO

Sou um mentiroso. Não mereço a tua carne
que de noite vendes para me manteres vivo
Sim. Sou um porco. Sim
sei que me amas e que coloco a tua alma
no inferno com o desconhecido
por desculpa sou uma fraude sem coração
que tem forças para todos proteger
quando no arrefecimento nocturno
fornico com esse cão que ferra a mão
a quem lhe dá de comer

Sou um mentiroso. Não tenho perdão
quando vegeto putativo por outros leitos
de morte enrolado em nenúfares
monetários onde queimo todo o dinheiro
que ganhas honestamente. Não mereço
outra coisa senão o mal estar permanente
do teu castigo terreno

Sou um mentiroso. Não. Não me perdoes.
Fecha-me de castigo no quarto branco
da tua ausência e deixa-me morrer devagar
amordaçado com a tua dor no quarto
escuro do teu perdão

É tão violento estar vivo

POÇO DA MORTE

No fosso da orquestra
sou um motard
na cintura industrial
da noite um manto
de nevoeiro amarelo torrado
Podre de nervos
sinto como um escravo
livre o espectáculo mudo
do grande motor
em enormes letras humanas
em eterno pulsar

Sobre mim a loucura
sem firmamento mas estrelado
O que é que andamos a fazer
às nossas almas sobrevoando
o abismo amado do desejo de real

O fogo preso
da ilusão nas suas próprias mãos
o cavalo de Berkeley
do nosso quotidiano onde
o mutante transe em venais
gemidos se condói

Da arte
só sabemos o pior
a imperfeição

Da dor
só sabemos a sua desilusão
o sublime

FALHA HUMANA

Sou um homem morto
mas não me vou entregar
nos braços da morte
do romance
como se o fim
da história
de todo o romance
não seja
um poema
de toda a experiência
demoníaca da ficção
porque
todos dizem
que está morto

Não contém comigo
mas a minha vida
tem sido a
sua ficção
e assim
continuará
filosoficamente má
mas bela poeticamente

E eu o seu narrador
ora monstro ora criança
de toda essa história
sem fim e de impossibilidade
poética só vim ver-me
a ser esfaqueado
entre dois carros
por dois gangs
num beco sem saída

POEMA BÊBADO

Hoje
cuspi
sangue

sangue
vomitei
e
caguei

Hoje
sangue
bebi

PEREGRINO URBANO

À noite no meio das palavras
deambulo bêbedo de pessimismo
e soletro no escuro
o verbo ser
e toda a sua mente suja
de efeitos especiais

Os ventos da história
divertem-se à minha volta
trocando lentes de contacto
e o desejo de morrer
desfaz-se no desejo
de viver todos os seus fins
a qualquer preço

Sei que estou a ser seguido
é uma arte de ser moderno
entre nuvens de enxofre
e de gás lacrimogéneo
deambulo bêbedo de revolta
nos paços perdidos
do discurso poético

PASSA-ME O VENENO

Como se fosse hoje
lembro-me
o cálice do esquecimento
cheio
de utopia

Como se fosse hoje
esqueço
o mal maior
do arrefecimento do teu corpo
tendo-me
como túmulo

UMA CANTIGA DE AMIGO

1

Ah meu amigo
a noite
não se canta assim
As estrelas cantam-na melhor
que tu
meu amigo
que inventastes
as estrelas

Cala-te meu amigo e canta
canta a tua morte
que a biologia
e as novas tecnologias não deixam
os nossos sonhos cantar
a tua carne
da minha carne
meu amigo

Amigo meu leva-me ao colo
até ao finito
esse bordel
onde os anjos cantam
melhor que as tuas estrelas
que envenenam
a noite do meu belo
amigo

SEGUIDA DE MAIS UMA CANTIGA DE AMIGO

2

Ah meu amigo como és doce
sabendo que o silêncio
não te possui meu amigo
tal guitarra partida ou um sintetizador
em indigestão lírica
o meu silêncio canta e possui
a dor de não possuir um amigo
como tu meu amigo dá-me
os comprimidos quero dormir
no teu colo meu amigo e no teu colo
o sol nasce a desoras e não te quero
ouvir meu amigo para além
do silêncio de morte

Ah meu amigo viste-me
em nome da realidade em cânticos diurnos
envolto na acção inactiva
da minha alma meu amigo
abandonada ao acaso
de toda a doçura
do teu veneno meu amigo
meu túmulo vazio

Ah meu amigo ergue-me bem alto
as minhas lágrimas
e faz delas as tuas estrelas
e canta meu amigo
o teu silêncio de morte

VIAGEM AO FIM DO VAZIO

Não sei qual foi o propósito
de até aqui me ter arrastado
Sei que estou ferido
mas não mortalmente penso
que não é a primeira vez
que me arrasto até aqui
perdendo com isso muito sangue

Da primeira vez cheguei cá
ferido de morte os teus lamentos
Deambulei em transe o ranger da carne
no nojo e na compleição de pária
Degrau a degrau
até à prosternação

Todo o meu amor à vida
o mais absoluto consolo terreno
em jacinto o compáscuo vómito
em psicótico vaivém
de alma enraivecida

Danada a vida arrasta-se
indefesa e sem forças
como um vestido de noite
rasgado passo uma esponja pela nuca
pelos olhos e por toda a máscara

Este peso tirei-o do coração
e este do cérebro
depois de vender a minha alma
volto ao local do crime
e tal como da primeira vez
arrasto este peso nado-morto
no ventre

Ao conhecer o meu corpo
deixei de me conhecer

Nota de Edição

Na capa de *Coração Sujo*, de A. DASILVA O. utilizou-se uma fotografia de Diana Arbus, *Teenage Couple on Hudson Street*, N. Y. C. (1963).

Grafismo da capa de Jorge Mantas; composição do texto de João Carlos G. Oliveira.

Deste livro tiraram-se 350 exemplares na Graficar, Carvalhos.

Lisboa, Junho de 1999.